

3ª PARTE

PROSA DE FICÇÃO

Uma tragédia Rodriguiana

Regine Limaverde

*Em certa idade, quer pela astúcia
quer por amor próprio, as coisas
que mais desejamos são as que
fingimos não desejar.*

Marcel Proust

Conheci-a minha aluna. Mulata, cheirava a lavanda Johnson. Cabelos lisos, andar bamboleante, era a tentação do curso de Enfermagem. Onde passava deixava um rastro de beleza e de erotismo. Sua cor azeitonada, lhe dava um toque de Rainha de Sabá.

Tinha uns 23, 24 anos quando conheceu Maximiliano, um ruivo filósofo. Marx, como todos o chamavam, lia de Dostoievsky a seu xará, Marx. Do contra, sempre polêmico, frequentava todos os comícios de partidos políticos. Sempre desconfiei que um dia abraçaria a vida pública mas, enganei-me. Hoje ele é comerciante, dono de uma cadeia de lojas. Vende lingerie. Como? Eu me perguntava um homem comunista, com ideias revolucionárias pode lidar com calcinhas, soutiens, meias, *babydolls* e outras coisitas mais? Como? Não entendia. Pois, pois. Nossa personagem negra conheceu Marx e por ele se apaixonou. Caiu de vez. Tomava café, almoçava e jantava Marx. Ele, casado, inventava mil viagens para a esposa e estava sempre com Sofia (a mulata), esbanjando beijos, abraços e carinhos sem ter fim. Gamou pela mulher. Caiu de quatro. Farejava o ar que ela respirava, sonhava com o mel de suas entranhas e cheirava a lavanda que ela usava. Ali. Bem pertinho da mulher, que de nada sabia.

Sofia fez amizade com toda a família e o romance prosseguiu por anos a fio. Marx já não escondia tanto. Tiveram um filho. Coisa comum entre amantes descuidados. Ela não o forçara a casar. Tinha

sua liberdade assegurada, embora agora com um filho. A esposa de Marx andou desconfiando. Brigou, armou um escarcéu mas as coisas continuaram. Tudo bem entre Sofia e Marx. Ela viajou uma época. Foi ao Rio cursar o Mestrado. Desentenderam-se um pouco. Ela voltou e já não era a primeira ou a segunda na vida de Marx. O tempo se encarregou de ocupar a cabeça do homem com novos romances. E a mulher ficando. Mal acabava um caso, outro já invadia os pensamentos de Marx. Ele era macho e como macho não se contentava com uma só. Tinha que ser várias. Uma para lhe fazer as manhas, outra para lhe dar manhãs de sol, outra para lhe mostrar sua macheza, outra para se sentir útil, outra para lhe saber inteligente e o mundo foi passando e o tempo foi andando. Ah tempo mágico!!! A verdadeira esposa, bonita, mas enalhada. Na verdade, quando aconteceu o boom em sua vida ela não teria 40 anos. Ainda viçosa, ainda vingativa, ainda rancorosa. Sofia há muito se distanciara da vida de Marx. Levara o filho para o Rio mas agora voltava para o Recife onde estavam estabelecidas a família e as empresas de Marx. Ele rico, empresário, maduro e ainda meio confuso. Muito informado, se deu muito bem no ramo de lingerie. As modelos eram traçadas por ele tão logo fossem contratadas para os desfiles das roupas. Seu mundo era o feminino. Acordava e dormia ouvindo os gritinhos histéricos das mulheres consumistas, vaidosas que procuravam suas lojas.

Um dia, Sofia o procurou. Seu filho, o que ela costurou com Marx estava com 19 anos e deveria trabalhar. Nada demais ela achou ao procurar Marx, um passado já quase esquecido de sua vida. Responsabilidade de pai é coisa para ninguém discutir e Marx nunca se omitiu quando procurado. Concordou que deveria empregar Fred, o filho deles, em uma de suas lojas, afinal ele fora registrado e era seu filho tanto quanto os dois que havia tido com Luísa, sua legítima mulher.

Fred se empenhou em corresponder às expectativas do pai. Chegava cedo, não faltava e era exemplo de funcionário. Sua chefe era Luísa que no começo implicava com o rapaz, filho da antiga rival.

Todos observaram a mudança repentina de Luísa. De mal arrumada, passou a muito vaidosa. De azeda, passou a doce, de pálida passou a rosada. Luísa exagerava nas roupas, no comprimento das saias, no decote dos vestidos e o marido não lhe prestava atenção como sempre. A mulher mudou. Era quarentona, mas enxuta. Havia sido uma bela moça e ainda guardava resquícios de beleza. O cabelo, agora liso, lhe caía nos ombros queimados da piscina aos domingos. Ria, ria histericamente a todo instante. Seus gestos, outrora mal educados, agora eram medidos, ensaiados e o rapaz que tanto a incomodara no começo, já não era mal visto. Muito pelo contrário. Dormia em sua casa, e a levava quando tarde havia balanços na loja. Ela defendia o Fred dos pitos paternos. Dizia alto que os filhos tinham ciúmes do meio irmão. Mudou a mulher. Cantava alto Djavan e repetia que “amar é quase uma dor”.

Alguém descobriu. Um beijo dado fora de hora. Um carinho de mão às pressas e uma confissão a quem não devia.

Tudo veio à tona. Luísa caíra por Fred assim como no passado, Marx, seu marido, havia caído por Sofia, a mãe do rapaz.

Final de história: Sofia recebeu o comunicado com um ódio de mover montanhas. Veio correndo buscar o filho. Gritou, amaldiçoou a vida e os dois - o casal enganador. Tudo voltou ao normal: Luísa voltou aos braços cansados de Marx e os dois passaram uma esponja no caso.

Aqui e ali ambos se lembram dos infelizes acontecimentos, mas a distância de Fred, levado pela mãe, ajudou a Luísa a suportar a ausência do amor. Poderia ser seu filho, mas lhe causava o maior arrepio quando encostava sua língua na dele. Memórias não são proibidas. Ela agora vive de lembranças. E sorri com lágrimas nos olhos e com a vontade de sentir o cheiro morno do cabelo de Fred.